

"Falando com a Alma" em Discurso Político

*Marcia Vieira Frias*¹

Resumo: Durante seu primeiro mandato, apesar dos escândalos que derrubaram vários de seus colaboradores, o presidente Lula conseguiu manter níveis de popularidade relativamente estáveis e altos o suficiente para lhe garantir a reeleição em 2006. Considerando que se faz política usando a língua e que o uso da língua tem sempre uma dimensão política (Lakoff, 1990), o presente trabalho utiliza ferramental teórico da análise da narrativa para examinar a continuada popularidade do presidente Lula a partir de uma perspectiva sociolingüística interacional de análise do discurso. O foco da análise são duas narrativas pessoais encaixadas no discurso pronunciado pelo presidente Lula em 30 de março de 2007 na cerimônia de formatura do programa ProJovem, em Olinda, Pernambuco.

Considerações Iniciais

O desenvolvimento da Lingüística Aplicada nos últimos 50 anos vem produzindo algumas análises voltadas para o uso da língua em contextos políticos. Essas análises tendem a utilizar o ferramental teórico da análise retórica, ou da pragmática, ou da análise crítica do discurso ou, mais raramente, da sociolingüística. Neste trabalho, que é parte de um estudo maior, minha proposta é articular análise da narrativa e discurso político, dentro de uma perspectiva sociolingüística interacional.

Em seu primeiro mandato (2003-2006), o presidente Lula conseguiu manter índices de aprovação bastante elevados e relativamente estáveis, apesar dos escândalos que derrubaram alguns de seus colaboradores mais próximos, como o ex-chefe da Casa Civil José Dirceu e o ex-ministro da Fazenda Antonio Palocci, entre outros.

¹ Marcia Vieira Frias é tradutora inglês/português. Formada em Comunicação Social pela UFRJ. É mestre em Estudos da Linguagem pela PUC-Rio. O presente artigo reflete temas tratados em sua dissertação de mestrado. Contato: mvfrias@gate.net.

Sem dúvida, essa continuada popularidade tem muitas facetas e pode ser examinada sob diversos ângulos; a expectativa que orienta a presente análise é que seja produtivo investigá-la lançando sobre a fala do presidente o olhar do lingüista.

O foco da presente análise são duas narrativas pessoais encaixadas no discurso pronunciado pelo Presidente Lula em 30 de março de 2007 na cerimônia de formatura do programa ProJovem, em Olinda, Pernambuco. O objetivo da análise é identificar as identidades construídas no discurso por meio de narrativas encaixadas e apontar as funções e possíveis efeitos dessas narrativas e construções identitárias. Neste trabalho, utilizo, de modo flexível, o modelo de narrativa laboviano (Labov e Waletzky, 1967, Labov, 1972), recorrendo também às noções de enquadre (Bateson, 1972 e Goffman, 1974) e alinhamento / *footing* (Goffman, 1979) e à noção de história de vida (Linde, 1993).

Discursos Políticos como Dados de Análise

As análises levadas a cabo nas últimas décadas que têm como objeto a língua em uso nas situações do dia-a-dia englobam tendências diversas: analistas da conversa, sociolingüistas, lingüistas aplicados, analistas do discurso e outros se debruçam sobre o uso da língua em contextos variados – naturais, pedagógicos, institucionais, profissionais – usando um ferramental teórico também variado. De uma forma geral, as diferentes vertentes tendem a privilegiar um mesmo tipo de dado empírico: a comunicação oral em grupos pequenos, ou seja, conversas espontâneas com dois ou mais participantes, fala-em-interação em situações institucionais e profissionais e falas elicitadas através de entrevista.

Na contra-corrente dessa tendência, os dados com os quais venho trabalhando são discursos políticos. Inseridos em situações específicas e formais, que são os eventos públicos e as cerimônias oficiais, os discursos políticos são proferidos oralmente e, quer se trate de discursos redigidos de antemão e lidos ou discursos

feitos de improviso, sua construção leva em conta a repercussão esperada na mídia e os possíveis efeitos sociais. Penso que analisar esse tipo de dado lingüístico pode ser muito revelador. Concordo com Robin Lakoff que argumenta (minha tradução):

Numa sociedade alfabetizada como a nossa, o significado é negociado através de uma ampla gama de canais de comunicação: linguagem oral e escrita; canais públicos e privados; formais e informais; espontâneos e planejados; diretos e mediados. Todos eles juntos criam nossas identidades enquanto indivíduos e membros da sociedade. Cada um contribui para a totalidade do que nós somos. Se estamos interessados em como a linguagem nos cria e nos constrói a todos, devemos levar em consideração todas as formas da linguagem (Lakoff, 2000:14).

Formato Narrativo - Modelo Laboviano e Histórias de Vida

O interesse que a análise de narrativas tem despertado no âmbito dos estudos da linguagem deriva da constatação de que contar histórias pessoais é um recurso que usamos regularmente para organizar e dar sentido às nossas experiências e para compartilhá-las, nos construindo, nesse processo, enquanto sujeitos sociais. Por isso, estudar narrativas é, em última análise, estudar a sociedade em que vivemos (Schiffrin, 1996; Bastos, 2005; De Finna, 2006). É justamente esse caráter abrangente e revelador do molde narrativo que torna a análise da narrativa uma abordagem atraente e potencialmente muito produtiva.

Mas o que caracteriza um trecho discursivo como uma narrativa? Labov (1972) distingue cinco partes numa narrativa: o resumo, que informa sobre o que é a história; a orientação, que fornece dados sobre o contexto da história respondendo às perguntas *quem?*, *onde?*, *quando?*; a ação complicadora, que são os eventos narrados em ordem cronológica; a avaliação, que mostra o ponto da história, ou seja, o sentido dos eventos narrados; e a coda, que indica o fim da história e, de maneiras variadas, faz a transição entre o tempo da história e o tempo presente.

Labov reconhece a existência de narrativas mínimas, isto é, narrativas que não contêm todas as cinco partes. Segundo Labov, uma narrativa mínima pressupõe pelo menos dois eventos ordenados seqüencialmente, ou, nas palavras do próprio Labov (1972:361), "uma narrativa mínima se define como aquela que contém uma única juntura temporal".²

Conquanto o ordenamento temporal de pelo menos duas ações no passado seja indispensável para caracterizar uma narrativa, Labov e Waletzky, em seu artigo clássico de 1967, já consideravam que uma narrativa sem *avaliação* seria vazia, sem propósito, faltar-lhe-ia significado (Labov e Waletzky *apud* Mishler, 2002: 99). A avaliação não tem necessariamente uma localização específica dentro da estrutura narrativa, nem um formato determinado: a avaliação pode estar contida em algumas frases, num comentário de um personagem da história, num adjetivo do narrador, até numa entonação.

É essa simplicidade e flexibilidade que, a meu ver, caracterizam o modelo de narrativa laboviano que me fizeram elegê-lo como categoria de análise no presente trabalho. Usarei o modelo laboviano para identificar e delimitar narrativas dentro do corpo do discurso e a noção de avaliação para entender por que a história está sendo contada, que sentidos estão sendo criados e que identidades estão sendo construídas através da seqüência de eventos.

Adicionalmente, usarei a noção de história de vida de Linde (1993:03): "As histórias de vida expressam nosso sentido de 'self': quem somos e como chegamos a ser o que somos".³ Linde propõe que uma definição técnica de história de vida enquanto unidade do discurso deve levar em conta a satisfação de dois critérios: conter um ponto avaliativo sobre o caráter do narrador e ter reportabilidade estendida, já que a

² Minha tradução.

³ Minha tradução.

história de vida relata acontecimentos marcantes da vida do narrador, encadeando-os de modo a mostrar como o narrador chegou a ser o que é.

Jogo de Identidades

Afirmei na introdução deste trabalho que meu objetivo era identificar em um dado discurso do Presidente Lula as identidades construídas através de narrativas pessoais. Construídas na interação, essas identidades – não-essenciais, instáveis, plurais – podem até ser contraditórias (Hall, 2003:10-3). Ora, se a identificação entre o sujeito do discurso e uma determinada identidade social não é essencial, nem fixa, nem única, então, ao serem narradas, as histórias de episódios de vida instauram no discurso o que Hall chama de "jogo de identidades".

Uma forma de entender esse "jogo de identidades" é vê-lo como um trabalho de articulação de alinhamentos. Levando em conta a concepção clássica de que o discurso político visa convencer, a inclusão de narrativas pessoais em discursos políticos formais funcionaria como uma estratégia básica de persuasão e envolvimento (Tannen, 1989), ao permitir a criação de determinadas identidades e ao promover alinhamentos entre essas identidades e as identidades percebidas como dominantes na platéia.

A narrativa projeta para os ouvintes uma situação concreta em que o falante se mostra como sujeito, com determinadas características e atributos como que revelados por suas ações e comportamentos na história. Assim, usando o molde narrativo, é possível construir uma identidade multi-facetada de maneira vívida, pictórica, visual e convincente. Entre outros efeitos, a construção de identidades através do molde narrativo favorece a identificação dos ouvintes com este sujeito assim construído e reforça a idéia de verdade. Por isso a inclusão de histórias pessoais em discurso político parece ser uma poderosa estratégia para criar identificação e lealdade.

Desconstrução do Falante

Um presidente não escreve pessoalmente seus discursos: redatores o fazem. A desconstrução que Goffman ([1979] 2002) faz da noção de falante é especialmente produtiva para a análise de discursos políticos. Goffman distingue no falante três componentes analíticos: animador, autor e responsável. O Presidente Lula, enquanto orador – aquele que pronuncia as palavras e frases, em voz alta, diante do público – pode funcionar como *animador* de discursos escritos por um redator profissional, que é seu *autor*. Esses discursos redigidos por terceiros para serem lidos pelo presidente seguem uma linha estabelecida pelo próprio presidente, são aprovados por ele e, uma vez proferidos, tornam-se os discursos do presidente. Portanto, o Presidente funciona também e sempre como o *responsável*, alguém que, nas palavras de Goffman “está comprometido com o que as palavras expressam”, “alguém cuja posição é estabelecida pelas palavras faladas” (Goffman [1979] 2002:134). Nos improvisos, quando o presidente Lula abandona o texto escrito, ele passa a funcionar também como *autor*, além *animador* e *responsável*.

O caso do discurso que analiso no presente trabalho é singular, pois ele é, na verdade, dois: o discurso efetivamente proferido, de improviso, e o discurso preparado para a ocasião, mas não lido, ambos disponíveis no *site* da Secretaria de Imprensa da Presidência na qualidade de discursos do Presidente Lula. Voltando às noções de Goffman mencionadas acima, ou seja, à desconstrução do falante em três componentes analíticos – animador, autor e responsável – vejo que, neste caso específico, além dos papéis evidentes de animador e responsável, Lula é o autor do primeiro discurso, que ele faz de improviso. Não é nem o autor nem o animador do segundo discurso, preparado por assessores. Continua porém o responsável desse segundo discurso, que ele nem escreveu nem proferiu, mas que qualifica de “*muito bem feito*” e “*muito bom*” e pede que seja impresso e distribuído posteriormente aos formandos. É interessante notar que, no 13º parágrafo do discurso efetivamente pronunciado (o discurso improvisado), o Presidente se refere ao outro discurso (o

redigido por terceiros e não lido) com o possessivo de primeira pessoa – “naquele **meu** discurso tem depoimentos extraordinários”, diz ele – (grifo meu), o que reflete bem o comprometimento do falante, no seu aspecto de *responsável*, com as palavras de um discurso que não foi nem redigido nem pronunciado por ele, mas que mesmo assim o define enquanto sujeito e falante.

Enquadres e Alinhamentos

A noção de enquadre proposta pelo antropólogo inglês Gregory Bateson (1972) em sua teoria sobre a brincadeira e a fantasia é fundamental para a análise de enquadres desenvolvida posteriormente por Goffman (1974). Bateson considera que a comunicação humana sempre acontece no que ele chama de “níveis contrastantes de abstração” (2002:87). Para interpretar o que está realmente acontecendo numa dada interação é preciso saber ler os sinais, verbais e não-verbais, que nos permitem determinar o enquadre ou enquadres dessa interação. Bateson fala das metacomunicações - mensagens quase sempre implícitas que nos possibilitam determinar as relações (alinhamentos, na terminologia de Goffman) que os falantes vão estabelecendo entre si numa determinada interação – e chama a atenção para “natureza instável do enquadre” (2002:92).

“Falando com a Alma”: “uma Conversa muito Sincera”

É possível acessar, pela data, no *site* do poder executivo www.info.planalto.gov.br, a íntegra de todos os discursos do presidente Lula. Como já mencionei, na data de 30 de março de 2007, há dois discursos para a mesma cerimônia de formatura do programa ProJovem, em Olinda, Pernambuco: o efetivamente pronunciado pelo presidente, de improviso, e o preparado de antemão por assessores. É esse primeiro discurso (o improvisado) que é o objeto da minha análise no presente trabalho.

Qualquer discurso pronunciado pelo presidente tem, por definição, um enquadre geral óbvio: trata-se de um discurso do presidente e, como tal, trata-se de um discurso político. O enquadre geral é sinalizado pelo cargo que o orador ocupa e pelo tipo de atividade de fala – evento oficial/ cerimônia pública em que o discurso é proferido. No texto que introduziu o conceito de enquadre (*frame*) nas ciências sociais, Bateson ([1972] 2002) refere-se a mensagens metacomunicativas, freqüentemente implícitas, que sinalizam o que está acontecendo em uma determinada interação. Uma série de elementos lingüísticos e paralingüísticos presentes na fala do presidente Lula, ou seja, no desenrolar da atividade de discursar, sinalizam, de dentro do discurso, esse e outros enquadres.

No entanto, penso que é importante enfatizar que quaisquer enquadres construídos no decorrer do pronunciamento vão se sobrepor a este enquadre geral, sem eliminá-lo, ainda que pareçam ser com ele conflitantes, ainda que pareçam estar sendo criados e propostos com o fim mesmo de neutralizar o enquadre geral de discurso político.

Logo na abertura do discurso pronunciado em 30.03.07 em Olinda (Pernambuco), na formatura do programa ProJovem (ao qual me referirei como "discurso do ProJovem" daqui por diante), o Presidente Lula propõe o reenquadre de seu discurso como *conversa-sincera*:

"Na verdade, eu estou com um discurso muito bem feito, e eu queria pedir duas coisas aqui. Primeiro, que o prefeito de Recife depois pedisse para que esse discurso fosse impresso e distribuído para os estudantes. Depois, a minha equipe distribui para a imprensa, porque o discurso está muito **bom, mas eu quero falar um pouco com a minha alma, porque eu acho que nós temos que ter uma conversa muito sincera aqui com vocês**" (Grifos meus).

Para construir junto com o orador os sentidos que ele deseja construir, a platéia

precisa aceitar o enquadre proposto de conversa sincera. Também o analista do discurso precisa considerar o enquadre proposto de conversa sincera, sem o qual não é possível interpretar de modo minimamente adequado o que está sendo dito. Mas, para se ter também uma visão crítica de como os sentidos estão sendo construídos e com que efeitos, tanto enquanto cidadãos como enquanto analistas, não podemos perder de vista que o enquadre *conversa-sincera* não anula o enquadre *discurso-político* mas com ele se articula, de modo mais ou menos eficaz, de forma a fazer o que discursos políticos fazem: persuadir.

Improviso e Verdade

A proposta de reenquadre do pronunciamento político como conversa passa pela recusa em ler o texto pré-preparado e pela definição de tudo o que vai ser dito dali para a frente como improviso, fala espontânea, discurso não-preparado. As escolhas lexicais, mais simples do que as do discurso escrito; a estruturação das frases, típica da fala espontânea, com falsos começos, muitas repetições, concordâncias defeituosas; além de diversos outros marcadores da linguagem oral sinalizam, de dentro do discurso, o reenquadramento do discurso político como conversa. Esse reenquadramento aponta para uma suposta maior sinceridade da fala espontânea quando contraposta ao discurso pré-preparado e para o improviso como o território da verdade, como se a falta de um texto escrito garantisse a sinceridade do discurso.

A idéia de que o improviso como que pegaria o orador de surpresa e de que, sem seguir um texto escrito, o orador se revelaria à audiência, mesmo que sem querer, está embasada em noções do senso comum sobre comportamento verdadeiro e sincero versus comportamento insincero e dissimulado. A dissimulação exigiria habilidade e premeditação enquanto a sinceridade precisaria apenas de um agir e um falar não-premeditados. Expressões e provérbios mostram que essas noções estão enraizadas na própria língua, no uso da qual construímos nossas identidades

sociais. O provérbio "no vinho, a verdade", por exemplo, aponta para essa relação verdadeiro/ não-premeditado em oposição a não-verdadeiro/ premeditado.

No entanto, dentro de uma perspectiva sócio-interacional da linguagem, que privilegia a língua em uso, é possível problematizar a idéia de que o discurso de improviso seja feito sem preparo. Citando Hymes, Becker e Bolinger, Tannen (1989) sugere que nossa produção lingüística é extensivamente calcada em processos de repetição. "O verdadeiro a-priori de qualquer língua – a verdadeira estrutura profunda – é uma acumulação de textos anteriores" (Becker *apud* Tannen, 1989:37). Da mesma forma, as narrativas que povoam muitos dos improvisos do presidente Lula são contadas e recontadas muitas vezes, o que, por si só, já invalida a visão do improviso como não-preparado, novo, inesperado.

Proponho, portanto, como mais apropriada para definir o improviso no discurso político, (de preferência à acepção mais comum de "tudo aquilo que é feito ou dito sem preparação, sem ensaio prévio"), a definição de improviso sob a rubrica "música", ou seja, "conjunto de modificações momentâneas introduzidas pelo intérprete numa composição, no momento da execução" (ambas as definições retiradas do Houaiss). Assim, ao contar e recontar "de improviso" episódios de sua vida, o presidente estaria apresentando versões de um conjunto finito de histórias pessoais adaptadas ao contexto, à audiência, ao momento, ao lugar e a seus objetivos específicos num discurso específico.

Quanto à questão da sinceridade e da verdade, esta é uma não-questão no âmbito desse trabalho. Vistas como formas de organizar e atribuir significado às experiências vividas, as narrativas são, inevitavelmente, interpretações/reconstruções que o narrador faz no presente de eventos passados, os quais, no momento mesmo que aconteceram, foram vivenciados segundo as óticas particulares dos participantes. Ou seja, narrativas não trazem de modo neutro, objetivo (e mágico) os eventos do passado para o presente. Eventos passados

existem na memória e na interpretação de quem deles participou. E as histórias que os reproduzem não o fazem de modo inocente e neutro, o que é, por definição, impossível. As histórias são construídas no ato de narrar, de acordo com a ótica do narrador, no momento presente e em um contexto determinado.

Palestra Motivacional e Conversa de Pai

No segundo parágrafo do corpo do discurso do ProJovem, o Presidente Lula sinaliza dois enquadres que se sobrepõem ao enquadre geral de discurso-político.

"Mas a conversa que eu quero ter com vocês hoje, é mais do que a conversa de um presidente da República com a juventude brasileira, **é a conversa de alguém que saiu da cidade de Garanhuns com sete anos de idade e foi tentar a vida em São Paulo**. Eu faço questão de contar essa história, porque **essa história certamente é a história de vocês** e porque nós estamos falando aqui de **oportunidade**, estamos falando de **chance**, estamos falando de **vontade de fazer** com que as coisas aconteçam" (Grifos meus).

Primeiro ele reforça o enquadre conversa-sincera, já proposto na abertura do discurso quando se dispôs a "falar um pouco com a alma". O enquadre conversa-sincera é reforçado com a menção à identidade de retirante nordestino que saiu de Garanhuns e foi tentar a vida em São Paulo e que funciona no sentido de criar condições para a conversa sincera, obtendo alinhamento (Goffman, 1979) com a platéia, constituída basicamente por jovens nordestinos pobres, os formandos do ProJovem. Essa identificação identitária com a platéia é reforçada quando o Presidente Lula afirma "Eu faço questão de contar essa história," [a história da vida dele] porque esta história certamente é a história de vocês". Em seguida, implicitamente, como sinalizam as escolhas lexicais grifadas acima ("oportunidade", "chance", "vontade de fazer"), introduz o enquadre que chamei de *palestra-motivacional*.

Ainda se apresentando/representando em termos identitários como retirante nordestino, o Presidente afirma:

"[...] se tem um brasileiro que pode significar o **exemplo de** que a **perseverança**, de que a luta e de que o **nunca desistir** dá resultado, sou eu. Porque um **retirante nordestino**, que sai daqui com sete anos de idade, com oito filhos, oito irmãos agarrados no 'rabo da saia' da minha mãe, chegar em São Paulo, sobreviver e **chegar à Presidência da República**, deve ser uma **motivação** e um **exemplo** para vocês, que podem **acreditar que podem** chegar lá, é só vocês **não desistirem**" (Grifos meus).

As escolhas lexicais no trecho acima ("perseverança", "motivação"), a mensagem implícita de que "querer é poder" ("nunca desistir"), o colocar-se como exemplo de perseverança e sucesso ("chegar à Presidência"), tudo isso são sinalizações que apontam para o enquadre palestra-motivacional, que reforça o enquadre conversa-sincera e se articula com o enquadre discurso-político.

Há ainda um outro enquadre de auto-representação – o de pai – que aflora em várias partes desse discurso e se articula com as outras representações identitárias, especialmente com a de presidente, criando um enquadre que chamei de *conversa-de-pai*, e que exemplifico com o trecho a seguir:

"Eu queria dar um **conselho** para vocês: a vida de vocês será muito melhor se dentro de casa tiver harmonia, se o pai e a mãe estiverem bem, se a mãe tiver a responsabilidade de acompanhar a vida de vocês" (Grifos meus).

Disse anteriormente que os enquadres se sobrepõem. Quando Lula diz:

"Agora que vocês pegaram o diploma, aumenta a nossa responsabilidade com vocês. Nós precisamos agora cuidar de cada um, saber o que está fazendo, se arrumou emprego, se conseguiu estudar, porque se a gente esquecer essa menina, João Paulo e meu caro Eduardo, minha Secretária de Educação e secretários aqui, se a gente achar que já

cumpriu com a nossa obrigação dando esse diploma, nós estaremos cometendo um erro. Esse diploma não é o fim, esse dinheiro é o começo, essa formação é o começo de uma jornada e não o fim de uma jornada, vocês acreditaram em vocês” (Grifos meus).

Há uma imbricação de enquadres e representações identitárias. A afirmação “agora que vocês pegaram o diploma, aumenta a nossa responsabilidade com vocês” faz eco ao ditado popular “filhos criados, trabalhos dobrados” e, assim, evoca a identidade de pai e o enquadre conversa-de-pai. A seguir o presidente continua falando na primeira pessoa do plural (nós/ a gente) e passa a se dirigir pelo nome e título a membros do governo, numa clara referência ao enquadre discurso-do-presidente e à identidade de presidente, facilmente intercambiável com a de pai (especialmente quando “governar” é entendido como “cuidar”). No final do trecho, ao dizer que o diploma não é o fim mas o começo e que “vocês acreditaram em vocês”, temos de novo o enquadre palestra-motivacional.

Dentro desses enquadres – discurso-do-presidente, conversa-sincera, palestra-motivacional e conversa-de-pai – é possível empreender a análise das narrativas encaixadas e das identidades narrativamente construídas.

Como virei Presidente — 1ª parte

“Mas a conversa que eu quero ter com vocês hoje é a conversa de alguém que saiu da cidade de Garanhuns com sete anos de idade e foi tentar a vida em São Paulo. **Eu faço questão de contar essa história, porque essa história certamente é a história de vocês** e porque nós estamos falando aqui de **oportunidade**, estamos falando de **chance**, estamos falando de **vontade** de fazer com que as coisas aconteçam” (Grifos meus).

“Eu quero dizer para vocês: se tem um brasileiro que pode significar o exemplo de que a perseverança, de que a luta e de que o nunca desistir dá resultado, sou eu. **Porque um retirante nordestino, que sai daqui com sete anos de idade**, com oito filhos, oito irmãos agarrados no “rabo da saia” da minha mãe, **chegar em São Paulo, sobreviver e chegar à**

Presidência da República, deve ser uma motivação e um exemplo para vocês, que podem acreditar que podem chegar lá, é só vocês não desistirem" (Grifos meus).

O presidente Lula se posiciona identitariamente como retirante nordestino, como "alguém que saiu da cidade de Garanhuns... e foi tentar a vida em São Paulo", e que vai contar sua trajetória de vida para uma platéia formada de nordestinos como ele, jovens e pobres como ele era no momento dos eventos que constituirão a narrativa. Esse posicionamento identitário permite o total alinhamento com a platéia. Não é, portanto, sem razão que o presidente Lula afirma: "essa história [de sua própria vida] certamente é a história de vocês".

O trecho "um retirante nordestino, que sai daqui com sete anos de idade (...), chegar em São Paulo, sobreviver e chegar à Presidência da República" é o resumo da história em termos do modelo laboviano e serve ao propósito da maioria dos resumos: despertar a curiosidade, indicando que a história é interessante, é contável, tem reportabilidade, relata acontecimentos importantes.

Labov afirma (1972:369) que os "recursos avaliativos encontram-se distribuídos por toda a narrativa" não ocupando um lugar determinado na estrutura narrativa. Na história que estou analisando, palavras e expressões avaliativas precedem e sucedem o resumo, precedendo também a ação complicadora, como quando, no trecho acima, o presidente menciona que a história é sobre "oportunidade", "chance", "vontade de fazer com que as coisas aconteçam" ou quando afirma ser ele "uma motivação", "um exemplo" e fala em acreditar e não desistir. Esses pontos avaliativos precedendo a ação complicadora orientam os ouvintes sobre como eles devem interpretar os eventos que serão relatados, dirigindo de antemão a construção de significados.⁴

⁴ Minha tradução.

Os três parágrafos a seguir são o relato de como o narrador se tornou o que é, ou seja, como o retirante nordestino virou presidente da república. Atendem, portanto, à definição de história de vida de Linde (1993:03), qual seja, de que "histórias de vida expressam o nosso 'eu': quem somos e como chegamos a ser o que somos."

Como virei Presidente — 2ª parte

"E quero dizer a vocês mais: quero dizer para vocês que **fui comer** pão pela primeira vez aos sete anos de idade. Até os sete anos de idade o café que a gente **tomava** em Garanhuns **era** uma cuia de farinha com café preto. E isso significa também dizer para vocês que não é a fome, não é a miséria que leva a gente a desistir. Até os 14 anos de idade, eu **morava** num quarto e cozinha com 13 pessoas, 13 pessoas num quarto e cozinha. O banheiro da casa em que eu **morava era** o banheiro do bar. Depois das 5 horas da tarde do sábado, depois de muita cerveja, vocês sabem como é que ficava o banheiro do fundo bar, onde minha mãe, minhas três irmãs, e todos nós, irmãos e primos, **usávamos** aquele banheiro" (Grifos meus).

"Não **eram** poucos os dias em que a gente **tinha** para comer, apenas um caldo de feijão e nada mais, a não ser quando o meu irmão, que **vendia** biscoito, aquele de polvilho que parece vento, **chegava** em casa com a sobra para a gente comer. Depois eu **fui trabalhar** de engraxate, **fui trabalhar** de tintureiro, **fui trabalhar** vendendo coisa na rua. E por que eu não **desisti**? Primeiro, porque eu **tinha** uma família muito pobre, mas **tinha** uma mãe muito forte. A minha mãe **nunca permitiu** que a gente desanimasse, mesmo quando a gente não **tinha** comida em casa, não **havia** espaço ou motivação para a gente desistir, mesmo na desgraça ela **ficava dizendo** para a gente: "levanta a cabeça que amanhã vai ser melhor, vamos acreditar que amanhã é possível" e, graças a Deus, eu **cheguei** onde **cheguei** porque aos 14 anos de idade eu **consegui** entrar numa empresa que me **mandou** para o Senai e eu **fiz** um curso de torneiro mecânico" (Grifos meus).

"Esse curso de torneiro mecânico é que **mudou** a minha vida. A partir desse curso eu **passei a arrumar** emprego melhor, eu **passei a ganhar** mais que o salário mínimo, de oito filhos, eu **fui** o primeiro da minha mãe a ter um diploma primário, eu **fui** o primeiro a ter um diploma profissional, eu **fui** o primeiro a ter um carro, a ter uma televisão, a ter uma geladeira, a ter uma casa, e não pensem que foi fácil. Até para chegar a Presidente da

República, eu tive que perder três eleições. Quando qualquer um desistiria, eu teimei que o povo brasileiro um dia ia acreditar na sua capacidade" (Grifos meus).

A se seguir ao pé da letra o modelo laboviano (Labov, 1972), uma série de orações no primeiro e no segundo desses três parágrafos acima – aquelas com verbos no pretérito imperfeito (sublinhados com uma linha) – não poderiam constituir a ação complicadora. Essas frases podem formar uma longa orientação, fornecendo uma descrição vívida de como era miserável a vida da família de retirantes nordestinos. Ainda segundo o modelo laboviano clássico, a ação complicadora estaria apenas nas orações independentes, com verbos no pretérito perfeito (sublinhados com duas linhas no trecho acima), a ordenação temporal entre os eventos sendo dada pela seqüência em que aparecem.

No meu ponto de vista, quer se chame de orientação ou ação complicadora os trechos com os verbos no imperfeito, de qualquer forma esses trechos constituem, junto com os demais, que trazem verbos no pretérito perfeito, uma única narrativa da trajetória de vida do narrador (Linde, 1993). Trajetória de vida que vai desde os primeiros tempos, mais miseráveis (13 pessoas num quarto e cozinha, usando o banheiro de um bar, comendo apenas caldo de feijão, o irmão vendendo biscoito de povilho, o narrador trabalhando de engraxate, tintureiro, vendedor de rua), até os primeiros sucessos (curso no Senai, profissão, emprego, compra de bens duráveis).

Os primeiros eventos são contados no imperfeito e os segundos, no pretérito perfeito e, entre eles, há uma ordenação cronológica clara. Arrisco interpretar que, de um ponto de vista retórico e literário, o imperfeito, com sua idéia de duração, marca o tempo da extrema pobreza como um tempo de passagem lenta, enquanto o pretérito perfeito, dos primeiros sucessos, marca a liberação progressiva da miséria e mostra o corte com o passado de pobreza extrema como um tempo mais rápido.

É interessante notar que, para a finalidade desta narrativa, diante desta audiência específica, os anos de sindicalismo e política são quase totalmente obliterados, e a narrativa passa, num grande salto, de conseguir comprar uma geladeira e uma casa a virar Presidente da República (depois de perder três eleições, única concessão aos anos de atividade política). A seleção dos eventos a serem narrados está perfeitamente de acordo com o que eu disse anteriormente sobre as narrativas serem interpretações que o narrador faz, no presente, de eventos passados e sobre as histórias serem construídas no ato de narrar em função do contexto específico em que são contadas e visando e prevendo determinados efeitos.

A falta de uma melhor explicação sobre a seqüência de passos dessa trajetória e seus nexos causais (sobre como o operário chegou a presidente) prejudica a construção narrativa da coerência que, segundo Linde (1993) caracteriza as histórias de vida. Mas não prejudica um dos prováveis efeitos pretendidos pelo narrador: estimular os jovens a não se deixarem levar à delinqüência pela pobreza, pelo desânimo e pela falta de oportunidades.

Além do mais, o silêncio sobre os anos de atividade política como deputado reforça a recusa do enquadre discurso-político, discutida anteriormente, e impede a construção identitária do presidente como membro da classe política, um bônus adicional quando se considera a desconfiança com que políticos são vistos no Brasil. Uma pesquisa divulgada no dia 27.09.07 pela Associação dos Magistrados Brasileiros indicava que apenas 11% dos brasileiros confiavam nos políticos.

Nos três parágrafos acima, a orientação e a ação complicadora (ou a ação complicadora simplesmente) vêm entremeadas de trechos avaliativos, que marquei com a fonte na cor cinza e com os colchetes. As avaliações podem ser resumidas pela idéia e pelo conselho de "nunca desistir" e evocam o enquadre palestra-motivacional, que, mais uma vez enfatizo, se sobrepõe ao enquadre conversa-

sincera e ambos se sobrepõem ao enquadre discurso-político, sem que nenhum deles seja eliminado ou neutralizado.

Na seqüência desses três parágrafos, o trecho cujo início reproduzo a seguir faz a coda, ou seja, sinaliza o fim da história e, estabelecendo uma comparação entre a situação do Presidente Lula quando jovem e a situação atual dos jovens ouvintes, retorna ao tempo presente:

"Pois bem, muitos de vocês vivem hoje em situações até mais degradantes do que a situação que eu vivi, porque..."

A Narrativa das Maçãs

No mesmo discurso do ProJovem, a narrativa das maçãs, reproduzida a seguir, é muito mais curta, narrando um episódio da vida do orador e não sua trajetória de vida.

Resumo

Quantos de vocês ficaram desesperançados porque chega na hora do almoço e não têm o que colocar na mesa para comer? (01).

Negociando um turno maior/ negociando o piso para contar uma história

Quantas vezes, eu me lembro, eu queria contar para vocês uma coisa (02).

Orientação

Eu estava fazendo, antigamente não era 5ª série, Fernando Haddad, era admissão, você terminava o 4º ano e ia fazer admissão, e naquele tempo não tinha tanta maçã como tem neste País. Eu saía da escola toda quinta-feira e tinha uma feira, e eu passava naquela banca de frutas, tinha umas maçãs argentinas da cor daquela camisa de vocês, vermelha, gostosa, a minha boca enchia d'água (03).

Ação Complicadora

(...) e eu tinha vontade de pegar uma maçã e sair correndo. Eu nunca peguei (04). (Grifos meus).

Avaliação

Sabem por que? Porque eu tinha vergonha que alguém me pegasse, da minha mãe passar humilhação (05).

Coda

porque naquele tempo a gente cuidava da família com muito mais carinho, porque a gente tinha menos problemas (06).

A pergunta retórica sobre quem já passou fome (01) funciona como um resumo não-convencional: diz sobre o que é a história sem adiantar nada sobre os eventos, indicando apenas que haverá uma história sobre passar necessidade. Depois dessa abertura, e como se estivesse em uma conversa informal e espontânea, o orador parece negociar um turno maior para poder contar uma história (02). A negociação é claramente desnecessária porque não se trata de conversa, não há alternância de turnos, e o orador, sendo quem é, tem o piso garantido pelo tempo que julgar necessário. Assim, o "eu queria contar para vocês uma coisa" funciona como um marcador, um sinalizador, um reforço do enquadre conversa-sincera já mencionado.

A orientação (03) é a parte dessa narrativa mais mais tradicionalmente construída conforme o modelo laboviano (quem, onde e quando): há os verbos no pretérito imperfeito ("estava fazendo", "não tinha tanta maçã", "eu saía", "eu passava", "tinha umas maçãs"...); há os detalhes aparentemente irrelevantes ("4ª. Série", "5ª. Série", "admissão") (afinal o fato de estar na 4ª ou 5ª série ou no admissão não altera a ação complicadora nem a avaliação) mas que de alguma forma criam autenticidade e envolvimento; e a descrição pictórica, detalhada, concreta, recriando visualmente a feira e a banca de maçãs ("da cor daquela camisa de vocês", "vermelha, gostosa,

a minha boca enchia d'água") e, com isso, também criando envolvimento (Tannen, 1989:134-66).

O trecho seguinte – “e eu tinha vontade de pegar uma maçã e sair correndo. Eu nunca peguei” – não segue o padrão laboviano convencional de narrativa mínima, que requer pelo menos dois eventos expressos por verbos no pretérito perfeito e ordenados temporalmente, ou seja, duas orações independentes e uma junção temporal (Labov, 1972). Ainda assim, a meu ver, esse trecho é claramente a ação complicadora dessa narrativa. Temos um verbo no imperfeito (“tinha”) indicando habitualidade, dois infinitivos e uma junção temporal (“pegar e sair correndo”) ligados à expressão no imperfeito (“tinha vontade de”) indicando, na verdade, ações que nunca se concretizaram. Temos ainda um verbo no pretérito perfeito na negativa (“nunca peguei”), que comunica exatamente isso (que as ações não se concretizaram), ou seja, o fato de que o narrador nunca pegou uma maçã nem saiu correndo, o que constitui, no final das contas, implicitamente e por via indireta, uma narrativa mínima: dois verbos no pretérito perfeito e a junção temporal. Embora não propriamente prevista no modelo laboviano, penso que essa análise não contradiz o espírito do mesmo modelo.

A narrativa apresenta uma avaliação externa (05), introduzida por uma pergunta (“Sabem por que?”), com suspensão das ações narrativas, e apresentando a perspectiva do narrador na forma de uma explicação: o narrador nunca roubou uma maçã porque tinha medo de ser apanhado e não queria fazer a mãe passar vergonha. A Coda (06) sinaliza o final da narrativa e a volta ao tempo presente da cerimônia de formatura, comparando de maneira bastante elíptica e um tanto vaga a importância da família na vida dos jovens no passado e no presente. Essa menção à importância da família, supostamente maior no passado, também reforça e conclui a avaliação da história, sinalizando ainda a emergência do enquadre conversa-de-pai.

O ponto dessa narrativa, no entanto, o que torna a história contável, é um pouco mais amplo. É preciso entender a narrativa dentro dos enquadres palestra-motivacional, conversa-sincera e conversa-de-pai, sem esquecer o enquadre geral de discurso-político, e a partir dos alinhamentos do orador com a platéia em termos das identidades construídas, quais sejam:

- (a) A identidade de retirante nordestino, pessoa que passou necessidade e conhece a miséria e, por isso mesmo, entende de forma visceral (não apenas racional) a tentação de roubar, mas não tendo roubado devido a laços familiares fortes, está em posição privilegiada para agir como conselheiro, inspirador e motivador;
- (b) A identidade daquele que, estando hoje em posição de mando, tem a mesma origem social dos jovens da platéia, o que facilita a troca conversacional;
- (c) A identidade de pessoa mais velha, mais experiente e hierarquicamente superior permitindo o alinhamento pai/filho.

Isso tudo, aliado ao fato de evidentemente ter vencido na vida, permite construir a narrativa em várias camadas de enquadres superpostos de forma a que ela cumpra a função de persuadir jovens nordestinos pobres a perseverarem no caminho do bem a despeito das dificuldades.

Considerações Finais

Em seu texto seminal de 1972 sobre brincadeira e fantasia, Bateson já chamava a atenção para a "natureza instável do enquadre". No discurso analisado, os enquadres se articulam e se sobrepõem, se alternando constantemente no papel de enquadre dominante. Logo na abertura do discurso, o Presidente Lula propõe um reenquadre que neutralizaria o enquadre geral de *discurso-político*: diz que quer "falar um pouco com a alma" e "ter uma conversa sincera". Por isso, não lê o discurso pré-preparado, que seria o *discurso político*, e passa a falar de improviso,

no que seria a *conversa sincera*. É preciso não perder de vista que o enquadre *conversa-sincera* nunca anula o enquadre *discurso-político*, mas com ele se articula e ambos, por sua vez, se articulam com outros dois enquadres que identifiquei como *palestra-motivacional* e *conversa-de-pai*, de forma a fazer o que discursos políticos visam fazer: persuadir.

Logo no início do discurso, ao propor o enquadre *conversa-sincera*, o presidente se posiciona explicitamente como um retirante nordestino que vai contar sua dura mas bem sucedida trajetória de vida. Em seguida, o uso do molde narrativo lhe possibilita construir a anunciada identidade de nordestino pobre de forma concreta, detalhada, visual, convincente. Esse posicionamento identitário frente a uma platéia formada majoritariamente por jovens nordestinos pobres permite o total alinhamento entre orador e platéia.

Assim, considero que a análise desenvolvida nesse trabalho, focada em duas narrativas pessoais encaixadas em um discurso político do presidente Lula, indica que a inclusão de histórias pessoais em discursos políticos pode ser um recurso poderoso para a obtenção de alinhamentos identitários frente a platéias específicas, e esses alinhamentos funcionariam como pré-condição para atingir o objetivo básico de persuasão que define o discurso político.

Diante disso, é possível começar a identificar na habilidade discursiva do presidente Lula, revelada pela análise acima, um dos fatores que explicam como ele se manteve popular durante seu primeiro mandato a despeito de escândalos que derrubaram alguns de seus principais colaboradores.

Referências

BASTOS, Lilliana C. *Contando estórias em contextos espontâneos e institucionais: Uma introdução ao estudo da narrativa*. Calidoscópico, vol 3, no. 2, maio/agosto, 2005

BATESON, Gregory. *Uma teoria sobre brincadeira e fantasia*. In: RIBEIRO, Branca T. e GARCEZ, Pedro M (Orgs). **Sociolinguística interacional**. Edições Loyola, São Paulo, Brasil, [1972] 2002.

DE FINNA, Anna. *Group Identity and self-representations*. In: DE FINNA, A., SCHIFFRIN, D. and BAMBERG, M. **Discourse and identity**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

GOFFMAN, Erwing. *Footing*. In: RIBEIRO, Branca T. e GARCEZ, Pedro M (Orgs). **Sociolinguística interacional**. Edições Loyola, São Paulo, Brasil, [1979] 2002.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

LABOV, William. *The transformation of experience in narrative syntax*. In: **Language in the inner city**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LAKOFF, Robin T. *The Language War*. University of California Press, Berkley, CA, 2000.

LINDE, Charlotte. *Life stories: The Creation of Coherence*. New York, NY, Oxford University Press, 1993.

MISHLER, E.G. *Narrativa e identidade: A mão dupla do tempo*. In: MOITA LOPES, L.P.; BASTOS, L. C. (Orgs). **Identidades: Recortes multi e interdisciplinares**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002.

SCHIFRIN, Deborah. *Narrative as self-portrait. Sociolinguistic constructions of identity*. In: **Language in Society**. v. 25. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

TANNEN, Deborah. *Talking voices: Repetition, dialogue, and imagery in conversational discourse*. Cambridge: Cambridge University Press, [1989] 1999.

TANNEN, Deborah. *Enquadres interativos e esquemas de conhecimento em interação*. In: RIBEIRO, Branca T. e GARCEZ, Pedro M. (Orgs). **Sociolingüística interacional**. Edições Loyola, São Paulo, Brasil, [1987] 2002.